

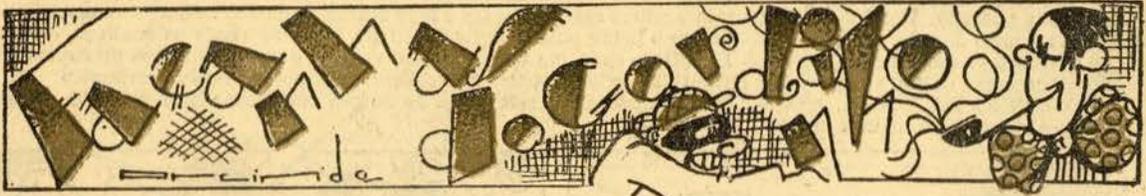


DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



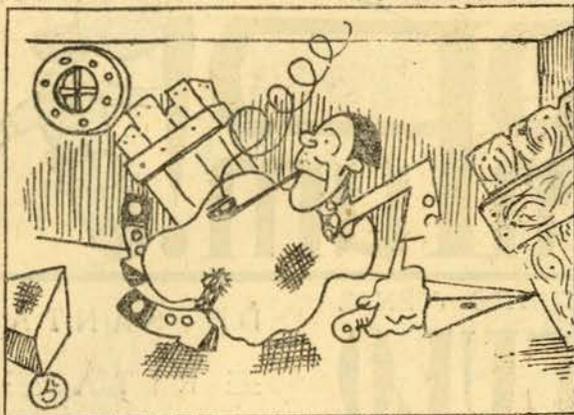
O célebre detetive português GORDINHO DA COSTA, az dos azes e das «casas» — (não sei se conhecem) — dirigia-se, altas horas da noite para sua casa na Rua Banhos de Sapo Pucareiro e, por sinal, ia muito preocupado da sua vida.

O bandido DENTES D'AÇO, chefe duma quadrilha de larâpios da pior espécie, havia jurado matá-lo, para se vingar das grandes baixas que GORDINHO tinha causado na sua gente. Por tal motivo o detetive andava sempre «á coca» pois não queria morrer tão cedo.



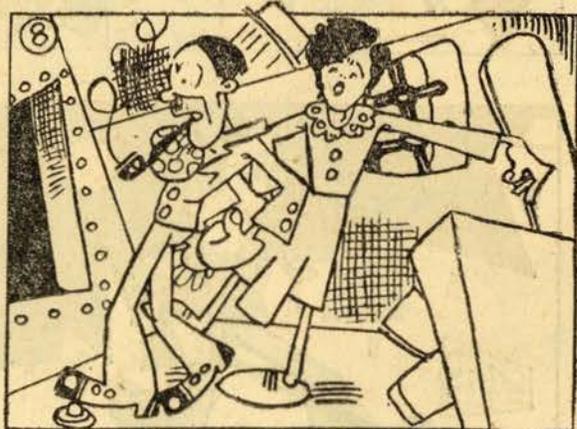
Tão apreensivo ia que nem reparou em dois vultos que o seguiam e que, em dada altura, lhe apontaram três enormes pistoleões: — «Mãos no ar, seu GORDINHO duma figa! O nosso chefe DENTES D'AÇO quer contar-te uma história de alto lá com ela. Mãos no ar, mãos no ar!...»

GORDINHO DA COSTA julgou chegada a sua última hora. Ainda tentou convencer os bandidos a darem-lhe a liberdade em troca do seu cachimbo mas eles não foram no «fole»... e meteram-no, sem mais aquelas, num grande saco de saragoça onde o levaram para o seu covil.



— «Rapazes — (berrava DENTES D'ÁÇO) — esse grande cara de macaco que se chama GORDINHO DA COSTA está em meu poder!». Um brado de triunfo acolheu estas palavras e logo muitos bandidos se aproximaram do saco, que estava no meio da sala, dispostos a esfolarem o pobre polícia. Entretanto um gesto do chefe os acalmou. — «Amanhã, ao alvorecer — (prosseguiu DENTES D'ÁÇO) — cada um de vós poderá espetar o seu punhal nos presuntos desse birbante. Ficaremos, assim, vingados das patifarias que ele nos tem feito. Agora vão metê-lo no subterrâneo.»

GORDINHO DA COSTA, ao ouvir este discurso, ficou sem pinga de sangue mas, como era homem de coragem, pôs-se logo a magiciar na melhor maneira de se raspar.

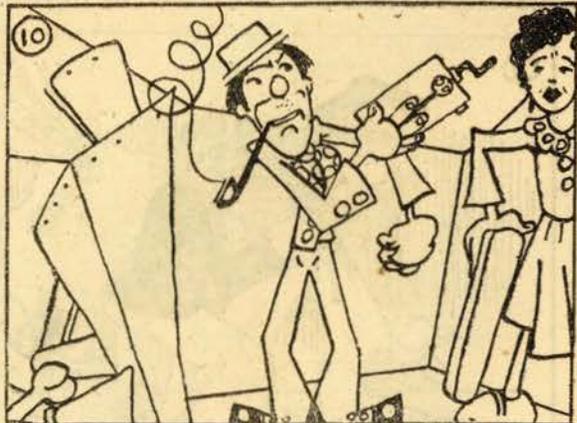
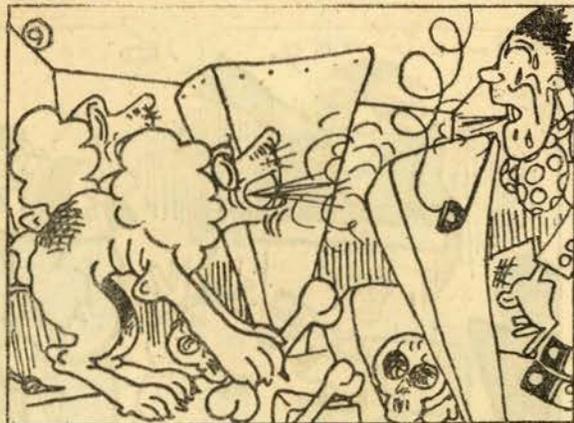


Assim que se achou sózinho no cubículo que lhe servia de prisão, sacou duma faca que os bandidos, por esquecimento, lhe não tinham tirado, rasgou o tecido do saco e pulou cá para fóra.

— «Aper! Estava quasi asfixi...» e não concluiu a frase porque lhe pareceu ouvir uns leves gemidos que partiam detrás duns caixotes.

— «Dar-se-há o caso que não seja eu a única vitima deste facinora?!» pensou o detective, aproximando-se do local suspeito.

Deitada numa táboa, com as mãos amarradas atrás das costas, estava uma linda menina, dos seus dezoito anos, que se desfazia em lágrimas. Era a filha de CEBOLACRUA, o grande fabricante de palitos para dentes, de Sameiro de Cima, e que DENTES D'ÁÇO havia aprisionado, na mira de um bom resgate.



O nosso GORDINHO não perdeu o tempo e, num segundo, libertou a jovem das cordas que a ligavam. O pior era uma grossa corrente que lhe prendia um pé. O detective tirou, então, dum bolso do colete, uma grande lima e, num momento, ela viu-se completamente livre.

— «Muito obrigada, senhor... senhor...»

— «Gordinho da Costa, menina, um seu criado! — (rematou este, acrescentando): — E como se chama, também?»

— «Eu? Sou PILIMILILA.»

Odisséia dum Gafanhoto

Por TOUTINEGRA



bibe do Antoninho, o lindo bibe novo, que lhe dera a tia Palmira, ficara todo porco, cheio de nódoas de fruta, que ele nunca comia com cuidado. Por isso, a Rosário, a lavadeira, o trouxera, o lavara, e estendera a enxugar, exposto aos raios quentinhos do sol, numa togeira florida.

O dia estava lindo e toda a bicharada andava, numa azáfama procurando alimento. Toda... não! Um certo gafanhoto, muito dorminhoco, acordara, já

o sol ia alto, esfregara os olhinhos e, vendo o dia tão lindo, saíu apressado do buraquinho e, de pulinho em pulinho, lá foi campo fora, todo contentinho.

Ia pensando: — Muito gosto de dormir! Isto é uma vergonha! E ás vezes é prejudicial, pois não me divirto, tanto como os mais. — Hoje, por exemplo: — os outros já comeram; agora é só brincarem e eu, ainda tenho que ir procurar o almoço. Paciência; andarei ligeirinho, a ver se recupero o tempo perdido. E, pensando isto, deu um pulo mais alto mas... de repente, e sem saber como, achou-se



prêso entre dois bocados de pano que, de forma alguma, o não deixavam sair. Entrara no bôlso do bibe do Antoninho! O gafanhoto barafustou, esperniou, deligenciou por todas as formas sair e acabou por dizer mal da sua vida, pois de forma alguma o conseguiu.

As horas passaram; ligeiras para os felizes e terrivelmente vagarosas para o pobre prisioneiro, que, com a barriguinha vazia, julgava chegada a sua última hora. Já o crepúsculo envolvia a aldeia quando a Rosário veio apanhar o bibe do Antoninho, que, cuidadosamente dobrado, meteu numa trouxa e mandou numa enorme carroça a caminho de Lisboa.

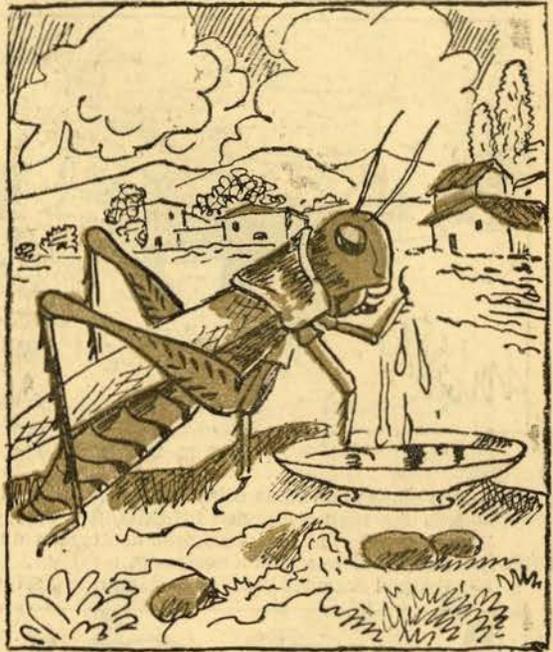
Que fome, que aperto, que falta de ar sofria o pobre gafanhoto! Passadas horas, que lhe pareceram anos, sentiu-se mais aliviado; tinham-no tirado da trouxa e haviam-no pôsto numa enorme jiga, com mais roupa para passar a ferro.

Que saudades sentia do buraquinho em que vivia! Que bem lhe saberia um bocadinho de couve embora pouco tenra! Assim pensando, sentiu abrirem o bôlso e saltou ligeiro, indo pousar numa cabeça cheia de lindos caratois louros. Entretanto, a dona dela, ao senti-lo, começou a chorar desesperadamente. Era a Mimi, irmã do Antoninho. Este, ouvindo-a chorar, correu e, vendo-o, começou a gritar alegremente. Via ali uma distração absolutamente nova para os seus aborrecidos dias na cidade: — Um gafanhoto! Ai que lindo gafanhoto! — E, auxiliado pela criada, que deixara o ferro e o bibe, e pela mãe, que acudiria, começaram a querer apanhar o pobre bichinho, que,

embora fraco, saltava ligeiro de um lado para o outro. Já estava muito cansado e prestes o apanhariam, se um pulo mais alto o não fizesse cair da janela à rua. Lá, não ficou melhor. A rua era muito movimentada e para não ser esborrachado por quaisquer pés ligeiros, ou pelos numerosos «pneus», que constantemente rodavam, êle continuou saltando de um lado para o outro, de onde logo se tinha que mudar pelo facto de um novo perigo o ameaçar.

De repente, um rico cheirinho a terra, fê-lo esquecer a sua situação. Já quasi a ser esborrachado, saltou e foi cair em cima de uma enorme bota muito grossa. Era o pé de um saloio que viera à cidade vender hortaliça.

Agarrou-se a essa bota, que era o que exalava o tal cheiro que o deleitara e, sentiu-se transportado cidade fóra... Tudo o que ia vendo o ia maravilhando e, assustado com tantos e exquisitos barulhos, julgava endoidecer. Subitamente anoiteceu; isto é, saiu da iluminação da cidade, que êle julgava dia, para o escuro da estrada, mais silenciosa; o saloio montara o seu paciente jumento e, assobiando, seguia contente. O nosso heroi ia extenuado



e, apesar de quasi morto de fome, como era um grande dorminhoco, adormeceu. Ao outro dia, ao acordar, viu-se num quarto de aldeia, cheirando a alfazema. Uma porta aberta deixava-lhe ver uma horta com alfaces fresquinhas. Conforme pôde, arrastou-se até lá e, finalmente, saciou o seu grande, apetite! Depois, olhou em redor; que alegria!:—O destino trouxera-o para a mesma aldeia, de onde o haviam levado. Lá ao longe, avistava a parede onde ficava o buraquinho que habitara. Dirigiu-se para lá e, ao dispôr-se para dormir, pensava:—Hoje vou dormir muito, porque estou maçado, mas, daqui para o futuro, passarei a ser mais diligente e menos dorminhoco, pois tempo perdido não mais se recupera e «devemos andar sempre devagar quando temos pressa».

Já assim dizia o nosso Marquês de Pombal e vós, que me lestes, meditai bem nisto e evitaredes grandes males.

■ F I M ■

CORRESPONDENCIA



Dynette:—O nosso director encarrega-me de comunicar a V. Ex.^{ta} o seguinte;—A sua novela iniciar-se-há, possivelmente, no proximo número. Tenciona escrever-lhe o que fará na primeira oportunidade.

José Inácio:—Os seus desenhos e respectivos contos serão publicados na devida altura. Actualmente há grande abundância de original.

Mariazinha:—O teu desejo será satisfeito. «O SONHO E TITÓ» deve saír ainda êste mês. Obrigado pelos teus elogios.

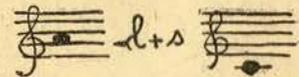
Fernando Marques—Manda a colaboração a que te referes. Só em presença dela o nosso director dirá de sua justiça.

Manoela Reis—«A MARUJINHA» só será publicada

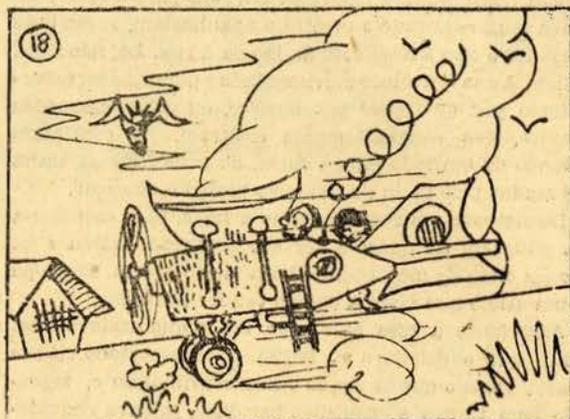
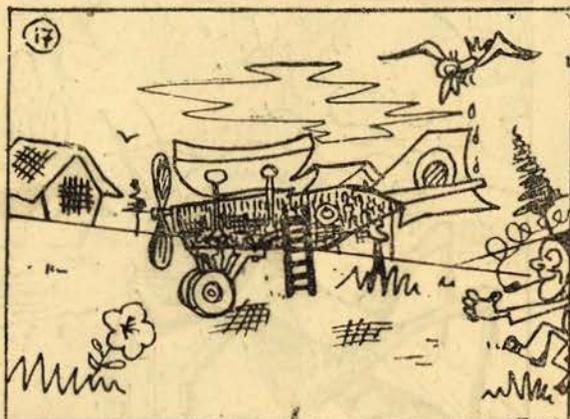
para o próximo mês. Lisongeia-nos muito a tua ansiedade.

Guida Ramos—Os teus desenhos não são publicáveis, porque não veem nas condições exigidas mas não desanimas.

Tio Paulo

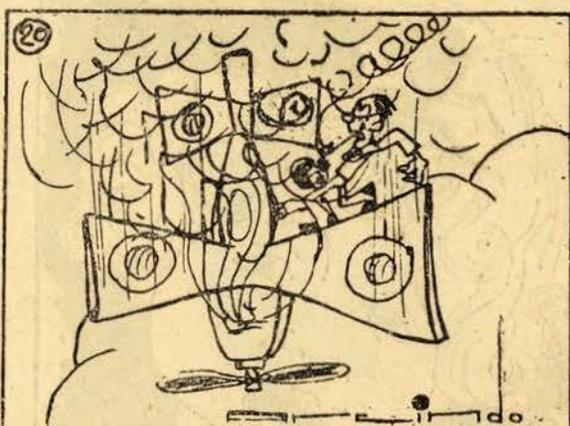
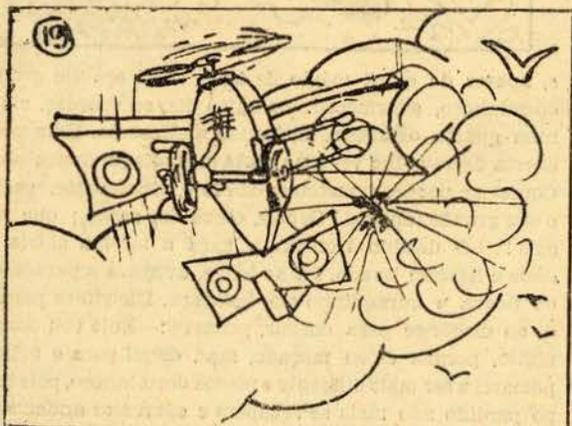


ENIGMA
PITORESCO
POR
MORENITA



(Continuado da página 5)

- «Só tenho pena duma coisa; (dizia êle). E' da minha grafonola; um aparelho tão bom, que herdei da minha avó».
 — Não faz mal; respondeu PILIMILILA, Vale mais ficar sem a grafonola do que ficar sem o esqueleto».
 Depois de subirem um quarteirão de degráus e mais metade, deram com uma espécie de alcapão que GORDINHO DA COSTA se apressou a abrir com a cabeça.
 — «Emfim! Estamos livres!» exclamaram radiantes, saindo cá para fóra.



Viram, então, que estavam perto do campo da aviação de Funileirreles. Mal tinham dado uns passos para sê porem a mexer, uns ruídos suspeitos chamaram a atenção do detective.

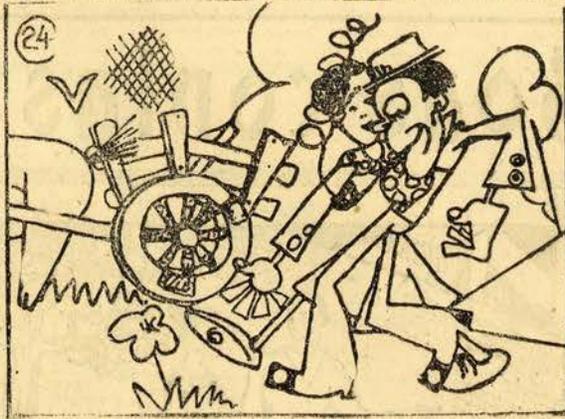
- «Com mil coriscos e meio. Estes malditos sacripantas não nos largam!»
 Os sacripantas eram os bandidos que tinham dado pela fuga e vinham a correr, com toda a força, para os agarrar. O célebre polícia pegou então em PILIMILILA às costas, e deitou a correr a trinta quilómetros ao minuto.

— «Safa!» Mas os bandidos parecia que tinham asas, porque ganhavam terreno a olhos vistos.
 GORDINHO DA COSTA, sempre a fumar no seu inseparável cachimbo de pau-santo, dirigiu os seus butes em direcção a um aeroplano de 30 H. P. que estava mesmo a pedir que lhe saltassem para cima, e antes que os larápios tivessem tempo de dizer: — Piu! puzeram o motor a trabalhar,

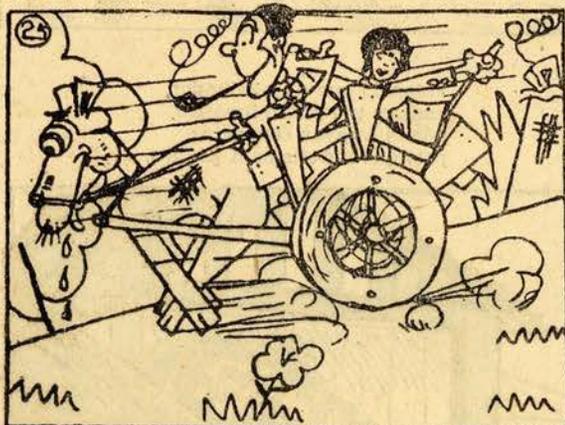


- «Agora não me apanham, seus filhos duma ratazana velha».
 O aparelho, que era todo catita, depressa se elevou nos ares. O pior é que os bandidos que, por artes do demónio, tinham arranjado uma metralhadora com um balázio certo, atingiram o motor, ocasionando uma explosão. Os pobres aviadores estavam numa situação deveras crítica sobre o aparelho em chamas que vinha agora a cem quilómetros ao segundo, de cabeça para baixo.

— «Quem me acode! Socorro! — Salvem o meu cachimbo!»



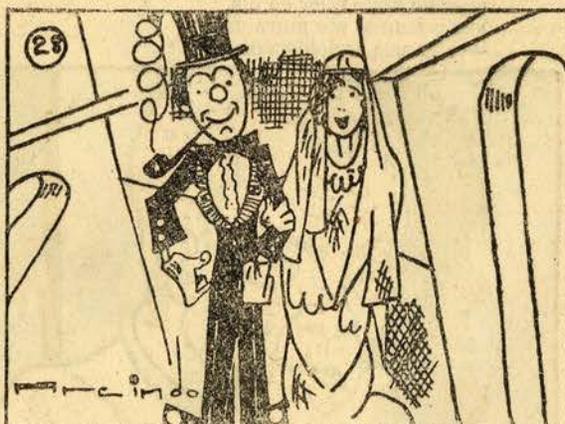
E GORDINHO DA COSTA amparando a filha do fabricante de palitos para dentes, do *Sameiro de Cima*, que estava com um novo chique, agarrava-se com unhas e dentes às asas do aeroplano. Eram tais os suores frios, que nem sentia o calor das chamas. Subitamente: — PIM!... o aeroplano, incendiado, veio achatar-se no solo! Os dois tripulantes não sofreram nada porque caíram em cima dum molho de palha, que estava ali mesmo ao pintar da faneca. — «Sáfa! Livrámo-nos de bôa» — (disse Gordinho, levantando-se.) — O melhor é a gente pôr-se a caminho, e quanto antes!» Mas, nisto, apareceu-lhe pela frente um dos bandidos que o perseguiam, disposto a enterrar-lhe um facão no bandulho.



O detective, que já não via bem, prega tamanho moqueuco ao facinora que este até viu as estrelas às duas horas e 35 minutos. — «Bravo! Bravo seu ZÉ-NABO!» Gritou PILIMILILA, entusiasmada. Perto dali viram um carro com um cavalo atrelado e saltaram para cima sem cerimónia.

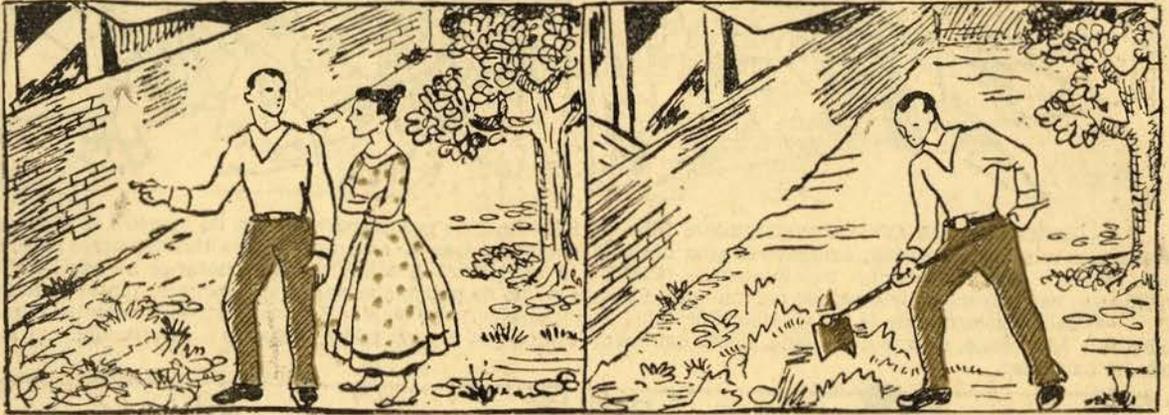
— «Estamos com sorte hoje!... — Já temos carro que nos leve a casa! Bem, bem!» E o célebre polícia puxou as rédeas ao cavalo que se pôs a correr com a velocidade de uma seta. Daí a pouco estava na cidade e GORDINHO DA COSTA despediu-se de PILIMILILA prometendo que se tornariam a ver muito brevemente. Depois dirigiu-se para a sua casa na *Rua Banho de Sapo Pucareiro*.

No dia seguinte, depois de se vestir com todo o apuro, apresentou-se a CEBOLACRUA, o pai de PILIMILILA, pedindo-a em casamento. O fabricante de palitos para dentes, de *Sameiro de Cima*, é claro, ficou muito contente, di-



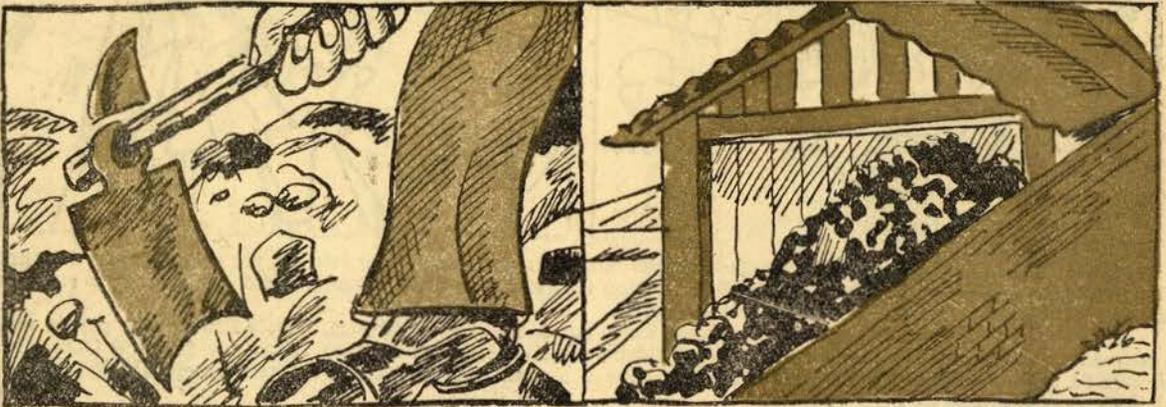
zendo que tinha muita honra em ter por genro uma pessoa tão distinta como GORDINHO DA COSTA. Este ficou todo babado e retirou-se. Uma semana depois casou-se, e PILIMILILA levou, como dote, cinco dúzias de caixas de palitos para dentes de *Sameiro de Cima*.

Boas contas deita o preto



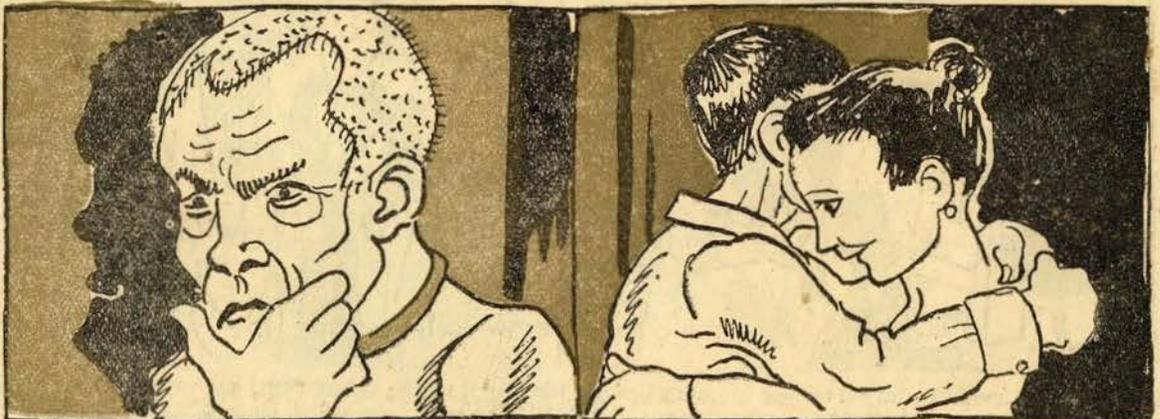
A Maria e «Manel» Gil, dois emigrantes que abalam... ao chegarem ao Brasil ao pé dum muro se instalam.

«Manel» que é trabalhador, embora um pouco lunático, põe-se a cavar com furor, pelo que lhe chamam prático.



Por fim já tanto cavava, quer de noite quer de dia, que o mundo até murmurava : — «Manel» endoiçeceria ? !»

Por trás do muro se achava um comprido barracão, em cujas caves estava armazenado carvão.



Nisto, Ramon Zé Pernalta, dono do tal barracão, começa a notar a falta duma parte do carvão,

precisamente no dia em que o ingénuo «Manel» bradava à sua Maria muito abraçadinha a ele,

ora a chorar, ora a rir, tomados de comoção : — «Acabo de descobrir uma mina de carvão !»